

Diário de Petrópolis, 13 de Novembro de 2022

Entramos na Era do Tecnonacionalismo

Por: Ronaldo Fiani

Não sou simpático a neologismos, mas o termo “tecnacionalismo” sintetiza bem a nova era que estamos vivendo, embora poucos tenham notado a nova fase em que a economia global ingressou. O termo é estranho, mas a tese do tecnacionalismo é simples: trata-se da ideia de que o país deve garantir uma posição de vanguarda tecnológica, se necessário criando barreiras a que outros países tenham acesso aos seus conhecimentos tecnológicos.

Os economistas não estão familiarizados com o tecnacionalismo. Em geral, a formação do economista aqui e lá fora passa ao largo de qualquer questão política. O leitor que conhecer os manuais de economia com certeza lembrará que o funcionamento dos mercados e da economia como um todo são apresentados naqueles livros sem qualquer menção à política.

Em particular, a tecnologia é percebida como algo útil apenas para produzir bens e serviços, elevando o bem-estar da sociedade, sem efeitos políticos importantes. Neste sentido, o melhor a se fazer, do ponto de vista da maioria dos livros de economia, é garantir o livre fluxo de conhecimentos tecnológicos.

A razão disto é que o conhecimento envolvido em uma tecnologia é um recurso produtivo como qualquer outro, da mesma forma que o trabalho, o capital e os recursos naturais. De acordo com a teoria econômica convencional, se os conhecimentos tecnológicos puderem fluir sem barreiras entre as várias atividades econômicas dos diferentes países, eles serão aplicados onde o retorno que geram (os lucros) são mais elevados. O resultado seria então a eficiência

econômica: a produção dos países seria a maior possível, graças à aplicação de tecnologia onde ela é mais produtiva e, portanto, mais lucrativa.

Ocorre que a tecnologia não é neutra, quando se trata da competição dos estados pelo papel de liderança global. Há duas razões para isto. A primeira razão é que as atividades econômicas que envolvem tecnologia de ponta geram lucros e salários muito mais elevados do que as atividades econômicas mais tradicionais, pelo simples fato de que a concorrência é menor, pois poucas empresas têm a capacidade de atuar em um setor de tecnologia de ponta, e assim os preços de seus produtos são maiores, e suas margens de lucro mais elevadas. Já um setor tradicional, como o setor têxtil, por exemplo, sofre uma concorrência internacional muito maior, e assim sua margem de lucro é muito menor, assim como os salários que paga.

Portanto, aqueles países cujas economias abrigarem atividades tecnológicas de ponta apresentarão renda e PIB (produto interno bruto, a soma de bens e serviços produzidos pela economia em um ano) mais elevados. PIB e renda mais elevados significa arrecadação fiscal mais elevada, e por conseguinte mais recursos para financiar as atividades do país, inclusive militares.

A segunda razão pela qual a tecnologia possui um papel importante na competição entre os estados pela liderança global é o fato de que muitas tecnologias apresentam caráter dual. Uma tecnologia é chamada dual quando ela possui aplicação civil e militar ao mesmo tempo. Muitas tecnologias de ponta apresentam caráter dual: satélites de posicionamento global (pela óbvia capacidade de localizar tropas), inteligência artificial (pela capacidade de identificar e rastrear pessoas), tecnologia nuclear (que pode ser usada para gerar energia e tratar pessoas, mas também para produzir armamentos), e tecnologias na área eletrônica, aeronáutica, química e biológica, sem mencionar a tecnologia

digital que é utilizada no controle e aplicação de armamentos e comunicação militar.

Portanto, não é de surpreender que os líderes dos Estados Unidos e da China, desde pelo menos 2009 tenham ingressado em uma verdadeira corrida, no caso dos Estados Unidos para manter e no caso da China para alcançar a supremacia em tecnologias de ponta. Também não é de surpreender que os líderes dos Estados Unidos, o país que tem a supremacia tecnológica no mundo, tenham adotado uma série de medidas para impedir o acesso de empresas da China a estas tecnologias de ponta, conforme já abordei em outros artigos. Estas restrições se estendem não apenas a empresas chinesas, mas também a empresas que venham a fazer negócios com empresas chinesas e atuem simultaneamente nos Estados Unidos. A tendência, portanto, é a de multiplicação das barreiras tecnológicas.

Estamos, portanto, ingressando em uma era de tecnonacionalismo, em que os países instituirão cada vez mais barreiras ao acesso a seus desenvolvimentos tecnológicos.

Link para a matéria original:
<https://www.diariodepetropolis.com.br/Integra/ronaldo-fiani-223219>